



ENTRE PETECAS – RESGATANDO INFÂNCIAS

BETWEEN SHUTTLECOCK – RESCUING CHILDHOODS

Cecília Lima Martins Costa. Discente do curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS).
cecilialimamcosta@gmail.com

Samara Gabrielly Bacelar Costa Amorim da Silva. Discente do curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS).
samara.gabriellyefuefs@gmail.com.br

Suzana Alves Nogueira Souza. Professora Titular do Departamento de Saúde da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). Doutora em Educação pela Universidade Federal da Bahia (UFBA).
sansouza@uefs.br

RESUMO

Este relato de experiência tematiza um projeto de intervenção realizado na disciplina Prática Curricular IV, presente no currículo do curso de Educação Física da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). O principal objetivo deste estudo é relatar as vivências obtidas durante as intervenções realizadas com crianças e adolescentes atendidos por uma Organização Não Governamental em Feira de Santana – BA. A intervenção foi realizada com crianças e adolescentes com idades entre 2 e 12 anos, fundamentada na abordagem crítico-superadora da Educação Física. As atividades articularam momentos de diálogo, problematização e vivência prática, nos quais os jogos e brincadeiras indígenas e de matriz africana funcionaram como instrumentos pedagógicos que fortaleceram

ABSTRACT

This experience report focuses on an intervention project carried out in the Curricular Practice IV course, part of the Physical Education curriculum at the State University of Feira de Santana (UEFS). The main objective of this study is to report on the experiences gained during interventions carried out with children and adolescents served by a Non-Governmental Organization in Feira de Santana – BA. The intervention was carried out with children and adolescents aged between 2 and 12 years, based on the, Bricritical-overcoming approach to Physical Education. The activities articulated moments of dialogue, problematization and practical experience, in which indigenous and,

a identidade cultural, o senso de pertencimento e a cooperação. Ao mesmo tempo, o projeto possibilitou a reflexão crítica sobre cultura e sociedade, promovendo o reconhecimento das tradições indígenas e afro-brasileiras como elementos centrais na formação dos sujeitos. Os resultados do projeto demonstraram ampliação do repertório de jogos e reconhecimento das raízes indígenas e africanas das práticas vivenciadas. Mesmo com as adaptações necessárias, os objetivos foram alcançados, e o projeto gerou impacto positivo ao valorizar culturas frequentemente invisibilizadas. Conclui-se que a experiência foi significativa tanto para os participantes quanto para a formação docente, evidenciando a importância da mediação cultural e da flexibilização do planejamento.

Palavras-chave: educação física; organizações não governamentais; jogos e brincadeiras indígenas; jogos e brincadeiras de matriz africana.

African-based games and play served as pedagogical instruments that strengthened cultural identity sense of belonging and cooperation. At the same time, the project enabled critical reflection on culture and society, promoting the recognition of indigenous and Afro-Brazilian traditions as central elements in the formation of individuals. The results of the project demonstrated an expansion of the repertoire of games and recognition of the indigenous and African roots of the practices experienced. Even with the necessary the objectives were achieved, and the project generated a positive impact by valuing cultures that are often made invisible. It is concluded that the experience was significant both for the participants and for teacher training, highlighting the importance of cultural mediation and flexible planning. Adaptations.

Keywords: physical education; non-governmental organizations; indigenous games and play; games and play of african origin.

1 INTRODUÇÃO

Este relato de experiência trata da percepção e vivência acerca do projeto de intervenção realizado no componente curricular Prática Curricular em Educação Física IV, presente no currículo do curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). No referido projeto, intitulado “Entre petecas – resgatando infâncias”, buscamos tematizar os jogos e brincadeiras indígenas e de matriz africana em uma Organização Não Governamental (ONG) situada em Feira de Santana. Entendendo que essas são manifestações culturais ainda marginalizadas no contexto social, e que carregam um grande valor histórico, educativo e simbólico (Moreira; Barragán, 2025), a intervenção possibilitou vivências das práticas corporais visando à valorização da diversidade cultural e à ampliação do repertório lúdico do público-alvo,

como aponta a Lei nº11.645/2008, que diz que: “Nos estabelecimentos de ensino fundamental e de ensino médio, públicos e privados, torna-se obrigatório o estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena” (Brasil, 2008, Art. 26-A).

No projeto, as ONG são entendidas como entidades sem fins lucrativos que atuam em diferentes áreas da sociedade civil, complementando as ações do Estado, conforme apontado por Tachizawa (2019). Sua atuação em territórios marcados por desigualdades sociais torna esses espaços particularmente significativos para o desenvolvimento de práticas pedagógicas sensíveis à realidade dos sujeitos atendidos. Dentro desse contexto, as ONG se constituem como um espaço legítimo para a atuação de profissionais da Educação Física, oferecendo oportunidades para que conhecimentos adquiridos ao longo da formação acadêmica sejam aplicados em cenários reais, além da escola.

Assim, o interesse em realizar um projeto que trouxesse como tema os jogos e brincadeiras indígenas e de matriz africana em uma ONG surgiu a partir da inquietação ao identificar uma lacuna atrelada à formação inicial, que apresenta carência significativa de debates e vivências acerca da atuação do professor de Educação Física nesses espaços. Além disso, o anseio pela realização também emergiu de atravessamentos que tivemos com o componente curricular de Prática Curricular em Educação Física III, em que discutimos a natureza do trabalho docente nos campos de atuação da área de Educação Física, dentre eles a ONG, surgindo o desejo acadêmico de promover um retorno social ao bairro no qual uma de nós cresceu.

A relevância acadêmica da proposta ocorreu acerca da necessidade que sentimos de promover uma aproximação e reflexão sobre a atuação docente em contextos não escolares, que nos desafiou a planejar e executar atividades que considerassem a diversidade cultural como parte essencial da formação integral dos sujeitos e ainda possibilitassem a mobilização dos saberes necessários à prática docente que são estabelecidos por Tardif (2005), sendo eles: saberes da formação profissional, saberes disciplinares, saberes curriculares e saberes experienciais ou práticos.

Por fim, o projeto visou oferecer para as crianças e jovens a oportunidade de conhecerem, vivenciarem e ressignificarem os jogos e brincadeiras propostos, aos quais muito provavelmente não teriam acesso, de forma sistematizada, sem esse trabalho.

Além disso, o projeto também pretendeu fornecer um retorno social para professores de Educação Física que, muitas vezes, ou na maioria delas, desconhecem como organizar o trabalho pedagógico da Educação Física em Organizações Não Governamentais.

2 PULANDO AMARELINHA JUNTOS: ASPECTOS CONCEITUAIS DAS ORGANIZAÇÕES NÃO GOVERNAMENTAIS E DA EDUCAÇÃO FÍSICA

Segundo a Associação Brasileira de ONG (ABONG, 2023), o Brasil possui cerca de 820 (oitocentas e vinte) mil ONG em atividade, trabalhando em diferentes causas e locais do país. Assim, as Organizações Não Governamentais, ou também conhecidas como ONG, constituem-se como entidades sem fins lucrativos que colaboram com o Estado e a sociedade civil através de ações voluntárias. Alguns exemplos dessas organizações, que são amplamente conhecidas pela sociedade, mas cujo caráter de ONG muitas pessoas desconhecem, são: Cruz Vermelha, Greenpeace, Médicos Sem Fronteiras e Instituto Ayrton Senna, dentre outras.

Assim, “[...] o conceito de Organização Não Governamental (ONG) foi formulado em 1940, pela Organização das Nações Unidas (ONU), para caracterizar as entidades da sociedade que atuavam em projetos humanitários ou de interesse público” (Scheid; Mafalda; Pinheiro, 2010, p.1). Dessa forma, elas estão inseridas na divisão de setores da nossa sociedade como “Terceiro Setor”. O Primeiro Setor é a administração pública, o Segundo Setor são as empresas privadas e, por fim, o Terceiro Setor, onde se encontram as ONG.

As Organizações Não Governamentais têm como principais objetivos promover inclusão social e ampliar o acesso a direitos básicos, atuando em áreas como educação, saúde, esporte, meio ambiente e direitos humanos. Desenvolvem projetos de alfabetização, prevenção em saúde, atividades esportivas e culturais, ações de preservação ambiental e defesa da cidadania, funcionando como mediadoras entre Estado e sociedade civil (Montaño, 2002).

Apesar de seu importante papel social, as ONG ainda enfrentam invisibilidade, carência de recursos, poucos voluntários e dependência de políticas assistencialistas do

Estado. Segundo a Associação Brasileira de Organizações Não Governamentais, cerca de 83% dessas instituições dependem exclusivamente de doações para manter suas atividades, enquanto apenas 17% recebem recursos governamentais, geralmente vinculados à prestação de serviços, como gestão de creches e hospitais.

Neste projeto, adota-se uma concepção de Educação Física como área plural da cultura corporal, voltada à formação integral e ao desenvolvimento crítico dos sujeitos (Soares *et al.*, 1992). Sob essa perspectiva, a Educação Física vai além do desenvolvimento psicomotor, contribuindo para que os indivíduos compreendam sua realidade social e reflitam criticamente sobre ela.

Dentro desse contexto, as ONG destacam-se por ampliar o acesso às práticas corporais, especialmente em comunidades em situação de vulnerabilidade, contribuindo para a democratização da cultura corporal e para a construção da cidadania.

3 TEM UM PIÃO NA CAMA DO GATO: CONHECENDO OS JOGOS E BRINCADEIRAS INDÍGENAS

Os jogos e brincadeiras sempre desempenharam um papel fundamental no universo infantil, pois vão além do entretenimento, constituindo-se como práticas culturais que influenciam o desenvolvimento cognitivo, social, emocional e físico das crianças. Por meio dessas vivências, elas aprendem regras, interagem com outras pessoas e se conectam com valores, símbolos e tradições presentes em sua cultura, contribuindo para a construção de sua identidade (Alencar; Oliveira, 2017).

Nesse contexto, as brincadeiras indígenas assumem importância ainda maior, por representarem formas de preservação de saberes ancestrais transmitidos oralmente e vividos coletivamente entre gerações. Essas práticas expressam valores, crenças e modos de vida dos povos originários, fortalecendo o sentimento de pertencimento cultural e garantindo a continuidade das tradições indígenas (Ricardo; Oliveira, 2025). Além disso, a preservação desses saberes configura-se como uma forma de resistência frente aos processos históricos de marginalização dessas populações.

Os jogos e brincadeiras indígenas apresentam características próprias, como o uso criativo de materiais simples do cotidiano e a valorização da coletividade. Essas atividades favorecem o desenvolvimento motor, cognitivo e social das crianças, estimulando a colaboração, a negociação de regras e a convivência em grupo. Dessa forma, funcionam como importantes espaços de aprendizagem, socialização e preservação cultural (Moreira; Barragán, 2025).

Além disso, o contato com práticas lúdicas contribui para o desenvolvimento do pensamento crítico, da criatividade e da autonomia infantil. Ao refletirem sobre regras, significados e contextos das brincadeiras, as crianças ampliam suas capacidades de resolução de problemas e fortalecem seu senso de pertencimento social e cultural (Marchão, 2020). Assim, incorporar jogos e brincadeiras indígenas no contexto educativo vai além do desenvolvimento individual, constituindo uma estratégia pedagógica que integra cultura, aprendizagem e reflexão crítica, promovendo uma educação mais inclusiva, plural e sensível à diversidade cultural.

4 ENTRE TERRA E MAR: O UNIVERSO DOS JOGOS E BRINCADEIRAS DE MATRIZ AFRICANA

Sendo também expressão cultural de um povo, os jogos e brincadeiras promovem a aprendizagem daqueles que participam. Eles são carregados de significado e manifestam vivências, hábitos e o ser daqueles que criam, espelhados em quem joga. Assim, os jogos e brincadeiras também podem ser chamados de saberes imateriais, que estão e estiveram presentes durante a vida daqueles que se permitem e se deleitam com o brincar, e representam os saberes que vieram na mente e alma dos povos africanos, escravizados e forçados a virem para o Brasil, proibidos de carregarem consigo bens materiais (Reis, 2006).

Assim, como manifestações culturais que expressam os costumes, hábitos, crenças e ancestralidade de um povo, e possuem singularidades que podem ser observadas quando comparadas com outras práticas, os jogos e brincadeiras de matriz africana se caracterizam por serem práticas onde a coletividade é extremamente

presente, ou seja, sempre abrangem a possibilidade de participação de diversos indivíduos. Além de utilizarem a criatividade de forma abundante e livre, na construção de diversos materiais para as brincadeiras utilizando recursos recicláveis. Outro fator que pode ser observado é o uso pleno das potencialidades, habilidades e expressões do corpo, sempre de maneira inovadora (Cunha, 2016).

Dessa forma, embora exista a Lei nº 11.645/2008, que expressa a obrigatoriedade do ensino da história afro-brasileira dentro das escolas, regimento que transformou parcialmente o cenário da educação, ainda há um predomínio do ensino da cultura eurocêntrica como padrão em ambientes de educação formais e não formais.

Focar na ludicidade africana e afro-brasileira é afirmar a urgência de valorização da corporeidade, da cultura, da história e da ancestralidade negras. É um posicionamento consciente contra o epistemicídio realizado pelas políticas e guerras para colonização da África e das Américas. Tal colonização, apoiada em um suposto projeto desenvolvimentista (em que a Europa seria a irradiadora de conhecimentos modernos e “verdadeiros”) [...] (Pinto *et al.*, 2022, p. 8).

Tendo em vista esse cenário, o ensino da cultura de matriz africana é essencial, pois gera pertencimento, reconhecimento de ser parte de um povo, entendimento de suas raízes e orgulhar-se de ser quem é.

Além de gerar conscientização dentro e fora do ambiente escolar, como é o caso, deve-se muito além de promover o cumprimento da lei, fomentar o debate acerca desse tema com os estudantes, promovendo a reflexão crítica e a compreensão das raízes do que se brinca, joga e vive. Utilizando o jogo e a brincadeira como conteúdo durante as aulas, é possível fazer com que os discentes compreendam acerca da realidade em que estão inseridos e de sua cultura, e reflitam criticamente sobre esses e outros aspectos da sociedade.

5 METODOLOGIA

Este trabalho caracteriza-se como um relato de experiência de abordagem qualitativa e caráter descritivo. A intervenção foi realizada em uma Organização Não

Governamental localizada na cidade de Feira de Santana - BA, onde participaram crianças e adolescentes com idades de 2 (dois) a 12 (doze) anos. A proposta buscou: a) oportunizar aos participantes experiências com jogos e brincadeiras indígenas e de matriz africana; b) possibilitar o reconhecimento dessas práticas como manifestações culturais próprias do nosso país; c) apresentar os jogos e brincadeiras como práticas passíveis de construção e reconstrução; e d) demonstrar que os estudantes podem modificar suas regras conforme a necessidade de alteração.

Dessa forma, a intervenção se fundamentou na abordagem pedagógica crítico-superadora da Educação Física, cuja principal obra é o livro “Metodologia do Ensino da Educação Física”, publicado em 1992 por Lino Castellani, Carmen Lúcia Soares, Celi Nelza Zülke, Elizabeth Varjal, Michele Ortega e Valter Bracht (Soares *et al.*, 1992). Assim, a mencionada abordagem conceitua a Educação Física como:

[...] uma disciplina que trata, pedagogicamente, na escola, do conhecimento de uma área denominada aqui de cultura corporal. Ela será configurada com temas ou formas de atividades, particularmente corporais, como as nomeadas anteriormente: jogo, esporte, ginástica, dança ou outras, que constituirão seu conteúdo. O estudo desse conhecimento visa apreender a expressão corporal como linguagem (Soares *et al.*, 1992, p. 41).

Essa perspectiva compreende a Educação Física como parte de um processo educativo mais amplo, no qual não basta apenas vivenciar práticas corporais, mas também refletir criticamente sobre seus significados, origens e funções sociais. A abordagem crítico-superadora busca superar uma visão tecnicista do ensino, propondo uma formação integral baseada no diálogo, na participação ativa e na construção coletiva do conhecimento (Soares *et al.*, 1992).

Nesse sentido, a aula ocorreu em diferentes espaços pedagógicos da ONG, utilizando a sala e a quadra para o desenvolvimento das atividades em formato de oficinas, onde houve momentos de diálogo, contextualização cultural e vivências práticas diversificadas. Durante o desenvolvimento da intervenção, observamos elementos como participação, interação, cooperação e engajamento dos participantes.

A intervenção priorizou o diálogo e as vivências práticas, favorecendo a liberdade de movimento e a interação coletiva entre os participantes. Além disso, com base nos

estudos de Johan Huizinga, o lúdico foi compreendido como elemento essencial da vida humana, sendo utilizado como estratégia para potencializar a aprendizagem e enriquecer as experiências educativas.

A avaliação ocorreu de forma contínua, formativa e integrada às concepções de Luckesi (2011), sendo entendida como um processo contínuo, formativo e integrado às atividades. Foram observados aspectos, como: participação, cooperação, engajamento e apropriação dos saberes culturais. Momentos de reflexão coletiva permitiram que as crianças expressassem aprendizagens e percepções, valorizando o erro como oportunidade de desenvolvimento. A avaliação orientou a prática docente, fortaleceu a identidade cultural e assegurou que os jogos e brincadeiras indígenas e de matriz africana fossem instrumentos significativos de aprendizagem e socialização.

6 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A intervenção evidenciou, desde seu início, a necessidade de adaptações constantes na condução das atividades, especialmente em função da heterogeneidade do grupo e das condições do espaço. Assim, esses ajustes contribuem de maneira significativa para promover a inclusão e a participação efetiva (Rodrigues, 2025). A organização em formato de oficina, estruturada a partir de momentos de diálogo e vivência prática, possibilitou o desenvolvimento das propostas, ainda que com ajustes ao planejamento inicial.

Ademais, as atividades foram antecedidas por breves explicações sobre a origem e os significados culturais dos jogos e brincadeiras, estratégia que favoreceu o engajamento dos participantes e contribuiu para uma compreensão inicial das práticas.

Conforme apontam Eustáquio e Passos (2025), através de uma prática lúdica, é possível favorecer o protagonismo dos participantes e uma participação ativa. Dessa forma, observou-se tal aspecto através do envolvimento dos indivíduos nas atividades práticas e na construção da peteca com materiais recicláveis.

Outrossim, a estratégia metodológica de dividir a aula em momentos e anteceder cada atividade com breves explicações sobre a origem e os significados culturais dos

jogos e brincadeiras mostrou-se eficaz, favorecendo o engajamento dos participantes e contribuindo para uma compreensão inicial das práticas. Além disso, o diálogo ao final das vivências possibilitou a coleta das impressões dos estudantes, indicando uma apropriação significativa dos conteúdos trabalhados.

Ao relacionar o desenvolvimento da intervenção com os objetivos previamente definidos, pode-se afirmar que esses foram alcançados de forma satisfatória, uma vez que os participantes tiveram acesso às origens e aos contextos culturais dos jogos e brincadeiras, compreendendo-os como expressões culturais relevantes, e que contribuem de maneira significativa para o desenvolvimento social, motor e emocional das crianças (Silva; Salvo, 2025). As estratégias metodológicas adotadas mostraram-se, de modo geral, adequadas para a promoção da aprendizagem no contexto observado.

Entre os desafios pedagógicos observados, destacou-se a dificuldade de manter a atenção e o engajamento dos estudantes, em função do espaço físico utilizado: uma quadra localizada em praça aberta, exposta a diversos estímulos externos, como circulação de pessoas e veículos, além de apresentar dimensões que dificultavam o controle do grupo. Para contornar essas questões, destaca-se a importância da elaboração de variações para as atividades propostas, com ajustes nas regras e no grau de dificuldade, considerando a idade e as habilidades dos participantes.

De modo geral, a intervenção foi positiva, permitindo uma aproximação significativa entre as discentes e o grupo participante. As atividades foram bem recebidas e proporcionaram vivências lúdicas e culturalmente relevantes, ao mesmo tempo em que evidenciaram a importância de fortalecer estratégias de mediação, planejamento temporal e adequação das propostas às características do público e do espaço.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente relato buscou evidenciar o potencial dos jogos e brincadeiras de matrizes indígena e africana como conteúdos da Educação Física, contribuindo para a valorização cultural, o fortalecimento do senso de pertencimento e a ampliação do repertório lúdico dos participantes. As atividades desenvolvidas demonstraram que tais

práticas, quando mediadas de forma intencional, possibilitam não apenas o envolvimento dos estudantes, mas também a construção de sentidos acerca das manifestações culturais vivenciadas.

Do ponto de vista formativo, a experiência revelou-se significativa para as discentes, ao promover a articulação entre teoria e prática em um contexto de educação não formal. Esse processo demonstrou a importância de estratégias pedagógicas que ultrapassam a dimensão técnica das atividades, incorporando momentos de diálogo, reflexão e problematização, fundamentais para a formação crítica dos sujeitos.

Entretanto, a intervenção apresentou limitações relacionadas tanto às condições do espaço físico, quanto às características do público atendido. O espaço disponível na ONG mostrou-se restrito, possibilitando apenas a realização de parte das atividades em ambiente fechado, como a construção da peteca. As demais práticas precisaram ser desenvolvidas em uma quadra aberta, onde fatores como exposição ao sol e presença de estímulos externos interferiram diretamente no engajamento dos participantes.

Além disso, observou-se variação no número de crianças presentes e, sobretudo, uma divergência entre a faixa etária previamente informada entre 5 (cinco) e 10 (dez) anos e a realidade encontrada, que incluiu crianças de 2 (dois) até 14 (catorze) anos. Esse cenário exigiu adaptações imediatas nas atividades propostas, especialmente no que se refere às instruções, à organização e ao nível de complexidade, evidenciando a necessidade de maior flexibilidade no planejamento pedagógico.

Dessa forma, para uma nova edição deste projeto, sugerimos a utilização de recursos visuais e auditivos, como cartazes, imagens, sons e instrumentos, para favorecer a compreensão de crianças mais novas ou de diferentes níveis de desenvolvimento. Além disso, devem-se inserir breves momentos de explicação ou *storytelling* sobre a origem e o significado dos jogos, bem como empregar vídeos curtos, imagens ou músicas relacionadas às culturas abordadas, como forma de sensibilização prévia às atividades práticas, pode ser uma estratégia interessante.

Por fim, destaca-se a necessidade de continuidade e ampliação de iniciativas dessa natureza, tanto em outras Organizações Não Governamentais, quanto no âmbito acadêmico, contribuindo para o fortalecimento da Educação Física em espaços não formais. Além disso, ressalta-se a importância de ampliar as discussões sobre esses

contextos na formação inicial, bem como de produzir materiais didático-pedagógicos que possam subsidiar a atuação docente. Nesse sentido, projetos de intervenção *In Loco* configuram-se como estratégias relevantes de retorno social, ao mesmo tempo em que promovem a construção de conhecimentos comprometidos com a realidade das comunidades atendidas.

REFERÊNCIAS

ABONG. **Associação Brasileira de Organizações Não Governamentais**. Disponível em: <https://abong.org.br/>. Acesso em: 21 set. 2025.

ALENCAR, E. S.; OLIVEIRA, M. S. História da Educação Infantil no Brasil: as brincadeiras e os jogos. **Perspectivas em Diálogo**, v. 4, n. 7, p. 51–63, 2017.

BRASIL. **Lei nº 11.645, de 10 de março de 2008**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 11 mar. 2008. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11645.htm. Acesso em: 13 set. 2025.

CUNHA, Débora Alfaia da. **Brincadeiras africanas para a educação cultural**. Castanhal, PA: Edição do Autor, 2016. E-book, 118 p. ISBN 978-85-921111-0-6. Disponível em: <http://livroaberto.ufpa.br/jspui/handle/prefix/196>. Acesso em: 19 set. 2025.

EUSTÁQUIO, Andreia Dias; PASSOS, Fagner José. Corpo, fala, jogo e escuta: múltiplas linguagens no estágio supervisionado em Educação Física. **Revista Eixos Tech**, 2025.

FACELI, P. B. L.; CONTI, M.; BARBOSA, V. Jogos e brincadeiras na educação infantil como resgate da identidade cultural na infância. **Kirikere**, 1(6), 1-10, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/kirikere/article/view/28513>. Acesso em: 04 out. 2025.

FREIRE, João Batista. **O jogo: entre o riso e o choro**. 5 ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2002.

HUIZINGA, Johan. **Homo ludens: o jogo como elemento da cultura**. 6 ed. São Paulo: Perspectiva, 2019.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da aprendizagem escolar: estudos e proposições**. 22 ed. São Paulo: Cortez Editora, 2011. ISBN 978-85-249-1744-8.

- MARCHÃO, M. J. Desenvolver o pensamento crítico em jardim de infância com e através de recursos digitais. **Revista Iberoamericana de Educación**, 85(1), 101-116, 2020.
- MONTAÑO, Carlos. **Terceiro setor e questão social: crítica ao padrão emergente de intervenção social**. São Paulo: Cortez, 2002.
- MOREIRA, Katiucce Muniz; BARRAGÁN, Teresa Ontañón. Entre cordas, pedrinhas e petecas: jogos e brincadeiras indígenas e afro-brasileiras como caminho pedagógico. **Revista SCIAS. Direitos Humanos e Educação**, Belo Horizonte, v. 8, n. 1, p. 157–177, jan./jun. 2025.
- PINTO, Helen Santos; SILVA, Luciana Soares da; NUNES, Míghian Danae Ferreira (Orgs.). **Catálogo de jogos e brincadeiras africanas e afro-brasileiras**. São Paulo: Aziza Editora, 2022. Disponível em: <https://anansi.ceert.org.br/biblioteca-pdf/catalogo-jogos.pdf>. Acesso em: 4 out. 2025.
- REIS, Liana Maria. Africanos no Brasil: saberes trazidos e ressignificações culturais. **Cadernos de História**, Belo Horizonte, v. 8, n. 10, p. 11-23, 2º sem., 2006.
- RICARDO, K. H.; OLIVEIRA, A. C. de. Histórias e culturas indígenas nas aulas de Educação Física: organização de um processo de ensino. **Perspectiva**, v. 40, n. 151, p. 103–112, 2025. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/101505>. Acesso em: 20 set. 2025.
- RODRIGUES, Adriana Camargos. Jogos, brinquedos e brincadeiras da cultura corporal do movimento: um relato de experiência com alunos do ensino fundamental, incluindo estudantes com TEA. **Revista Eixos Tech**, 2025.
- SCHEID, Liara Laís; MAFALDA, Marielle Picarelli; PINHEIRO, Mirian Teresinha. **O papel das Organizações Não Governamentais – ONGs para a divulgação da imagem turística do Brasil**. Universidade do Vale do Itajaí – UNIVALI, 2010.
- SILVA, Fabrine; SALVO, Germana Malaquias. Jogos e brincadeiras na Educação Física escolar: uma revisão sistemática. **Revista Escrever do Centro Pedagógico**, 2025.
- SOARES, C. L. *et al.* **Metodologia do ensino da Educação Física**. São Paulo: Cortez, 1992.
- TACHIZAWA, Takeshy. **Organizações não governamentais e terceiro setor: criação de ONGs e estratégias de atuação**. 7 ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2019.
- TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional**. 5 ed. Petrópolis: Vozes, 2005.